

REVERBERAÇÕES DE UM ARQUIVO ESCOLAR ANARQUISTA

Carmen Sylvia Vidigal Moraes
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo
carmensvmoraes@gmail.com

Doris Accioly e Silva
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo
daccioly@usp.br

Luciana Eliza dos Santos
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo
lucianaeliz@gmail.com

Tatiana da Silva Calsavara
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo
tcalsavara@gmail.com

RESUMO

Este trabalho resultou do livro *Educação Libertária no Brasil – Acervo João Penteadó: Inventário de Fontes* e procura sintetizar a pesquisa desenvolvida ao longo de 10 anos no Centro de Memória da Educação, da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (CME-FEUSP), por um grupo multidisciplinar de professores e estudantes de graduação e pós-graduação. Os estudos desdobraram-se em dois eixos: o primeiro refere-se ao levantamento e análise das fontes documentais e sua importância para a reconstituição da história escolar interligada à discussão teórica da historiografia da educação no Brasil, e o segundo eixo explora a importância das teorias e práticas anarquistas na educação ibero-americana sublinhando a relativa ausência de estudos sobre o tema.

Palavras-chave: Educação Libertária. Acervos Escolares. Acervo João Penteadó.

REVERBERATIONS FROM AN ANARCHIST SCHOOL ARCHIVE

ABSTRACT

This paper resulted from the book *Educação libertária no Brasil – Acervo João Penteadó: Inventário de Fontes* and it attempts to synthesize the research developed over 10 years in the Education Memory Center, at the Faculty of Education of the University of São Paulo (EMC-FEUSP), by a multidisciplinary group of faculty, undergraduate and graduate students. Studies were deployed onto two axes: the first refers to the survey and analysis of documentary sources and their importance to the reconstruction of school history linked to the theoretical discussion of education historiography in Brazil, and the second axis explores the importance of anarchist theories and practices in Ibero-American education emphasizing the relative lack of studies on such theme.

Keywords: Libertarian Education. School Archives. João Penteadó Archive.

Há 10 anos, o Centro de Memória da Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (CME-FEUSP) recebeu uma importante documentação escolar que demandou duas ações necessárias: sua organização, em sintonia com as recentes práticas arquivísticas, e sua investigação, que repercutiu numa interessante pesquisa historiográfica, realizada por um grupo multidisciplinar de professores e estudantes de graduação e pós-graduação. Esta documentação inédita nasceu de uma escola anarquista que existiu em São Paulo entre 1912 e 1919, início de um projeto educacional que perdurou até 1965. A referida documentação abrangia grande volume de fontes acumuladas pela vida escolar e pessoal do educador anarquista João Penteado, conservadas pela família por quase 50 anos. Estas características marcaram os desdobramentos do trabalho com este arquivo: levantamento e análise das fontes documentais e sua importância para a reconstituição da história escolar interligada à discussão teórica da historiografia da educação no Brasil; e a ênfase às teorias e práticas anarquistas na educação brasileira, sublinhando a relativa ausência de estudos sobre o tema. Ausência que se explica à luz das injunções políticas nacionais e internacionais.

As linhas contemporâneas da História da Educação têm traçado novas abordagens, reconfigurando-a teórica e metodologicamente. As últimas décadas presenciaram certos “constrangimentos teóricos e institucionais que marcaram o processo de institucionalização da história da educação como disciplina acadêmica e campo de pesquisa” (CARVALHO, 2001, p.380). Isso se justifica pela implementação tardia de instituições universitárias de ensino superior no país e o descolamento da história da educação dos domínios da pesquisa historiográfica. É predominante no campo da História da Educação a permanência e cristalização de discursos sobre a formação do processo educacional e escolar no Brasil, valendo-se de fontes clássicas que sustentam e repercutem determinadas teorias sobre o passado. Tais proposições deram relevo à importância da pesquisa com fontes documentais, muitas vezes ainda inéditas, para revisão da historiografia e da história da educação brasileira. Esta revisão requer o cotejamento de informações provenientes de fontes primárias – tais como as produzidas pelo funcionamento das instituições escolares e pela trajetória de vida de educadores – à literatura já consolidada, uma vez que, sem a pesquisa arquivística, essa historiografia, “no limite, sucumbe ao risco de girar ao redor de ideias mal esclarecidas e de estereótipos cristalizados, que se produzem em artigos e livros.” (CARVALHO, 2001, p. 32). Nesse mesmo eixo interpretativo, encontrar-se-á flexibilidade para a incorporação de

referenciais pedagógicos pouco explorados pelo discurso histórico da educação, como aquele sobre o qual se debruça este artigo, isto é, a memória da educação anarquista no Brasil.

Outra decorrência teórica a se destacar refere-se à literatura sobre educação libertária no Brasil, que pode ser compreendida a partir de dois espaços sociais: a militância libertária e o universo acadêmico. A primeira nasce do empenho de pensar a prática, produzir conhecimento e divulgar as experiências pedagógicas libertárias, o que gerou importantes fontes documentais, como jornais, panfletos e outros registros produzidos pelo movimento e incorporados a arquivos pessoais de militantes. Pode-se citar as obras de Edgar Rodrigues, Edgar Leuenroth, José Oiticica, João Penteadado, Adelino de Pinho, Maria Lacerda de Moura, entre outros. Já no limiar entre o mundo da militância e o da universidade, há que se sublinhar a obra de Maurício Tragtenberg. Seu artigo “Francisco Ferrer e a pedagogia libertária”, publicado em 1978 no primeiro número da Revista Educação e Sociedade, marca o ingresso da reflexão sobre educação anarquista na vida acadêmica no Brasil. Nesta perspectiva, também o estudo sobre as escolas anarquistas em São Paulo de Marinice Fortunato, em 1992.

A história da educação anarquista abrange tanto a produção escrita, muito presente neste movimento sociopolítico, quanto o questionamento dos diferentes prismas teóricos que dimensionam o campo da História da Educação nas últimas décadas. Nos manuais de História da Educação no Brasil é possível perceber a educação anarquista pela sua ausência. A seleção de fontes documentais e de fatos históricos que formam a compreensão da história oficial suprime, tradicionalmente, acontecimentos que marcam a educação popular e a educação ligada aos movimentos sociais. Nesse sentido, a pesquisa com a história da educação anarquista funda-se necessariamente no trabalho com fontes primárias e na sua gradativa inserção nos discursos e teorias sobre o passado escolar.

A documentação, organizada e identificada como Arquivo João Penteadado, desencadeia caminhos teórico-práticos que este texto explora. A educação anarquista no Brasil tem como maior expressão a experiência de São Paulo com a Escola Moderna nº. 1, dirigida pelo educador anarquista João Penteadado. Esta expressão decorre possivelmente do acesso à sua documentação. As escolas anarquistas no Brasil e no mundo seguiram a proposta pedagógica difundida pelo catalão Francisco Ferrer y Guardia (1859-1909), idealizador da Escuela Moderna de Barcelona (1901-1906). A primeira delas foi a Escola União Operária, fundada no Rio Grande do Sul em 1895, provavelmente originária da iniciativa dos ex-integrantes da Colônia Cecília, como indica Edgar Rodrigues (1992). Houve também uma escola fundada

em homenagem a Elisée Reclus, quando de sua passagem pelo Brasil – Escola Elisée Reclus, em Porto Alegre. Em Santos, em 1904, a União Operária dos Alfaiates fundou a Escola Sociedade Internacional e a Federação Operária, a Escola Noturna, em 1907. A Escola Libertária Germinal foi fundada em São Paulo, em 1903 e, como tantas outras, seguia o método e o ideário da Escola Moderna de Barcelona. Em 1904, ocorreu a fundação da Universidade Popular, no Rio de Janeiro. Estas são apenas algumas das iniciativas educacionais dos anarquistas difundidas no país, experiências captadas em esparsas memórias pela impossibilidade de acesso à sua documentação.

O acervo de João Penteadó foi localizado pela pesquisadora do CME/FEUSP, Tatiana Calsavara e doado por Marli e Álvaro Alfarano, parentes do educador, que estudaram nas escolas dirigidas por ele e seus irmãos e, mais tarde, vieram a compor o seu quadro docente. O acervo possui cerca de 37.610 documentos administrativos e pedagógicos; novecentas fotografias soltas e 24 álbuns de formaturas e outros eventos escolares, num total de 4.800 fotos; filme sobre eventos comemorativos e atividades esportivas; trezentos exemplares dos jornais elaborados por professores e alunos; duzentos manuscritos do fundador; e cerca de 167 peças museológicas, como quadros, objetos do antigo laboratório para o ensino de ciências, de geografia, maquinário das aulas de datilografia, projetor de imagens de 16 mm., entre outros, além de móveis utilizados na escola, como estantes e carteiras. O acervo pessoal, organizado separadamente, reúne 751 documentos: fotografias, correspondência e produção intelectual de João Penteadó (livros, peças de teatro, poemas, discursos, textos didáticos). O Centro de Memória da Educação tem sob sua guarda parte da biblioteca escolar que estava alocada no prédio do Colégio Saldanha Marinho, e que foi recolhida em 2008.

Para o desenvolvimento da pesquisa foram realizados levantamentos em outros locais de guarda documental com o objetivo de localização e registro da possível documentação acerca das escolas anarquistas: Arquivo Público do Estado de São Paulo, o Centro de Documentação e Memória da Universidade Estadual Paulista (Cedem-Unesp), o Arquivo Edgar Leuenroth (Universidade Estadual de Campinas – Unicamp), no Centro de Memória Sindical e na Unidade Especial de Informação e Memória (UEIM) da Universidade Federal de São Carlos, que tem a guarda de parte da biblioteca pessoal de João Penteadó. Com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), foi criado o projeto “Pesquisa sobre Educação e Cultura Anarquistas em São Paulo: o Arquivo João Penteadó”, a partir do qual iniciou-se a digitalização das fontes e a elaboração de um

Inventário Analítico, a fim de propiciar o acesso público a essa documentação sediada no CME. Os procedimentos arquivísticos fundamentais consistiram em: recolhimento, higienização, listagem, acondicionamento dos documentos, produção de plano de classificação, notação, realização de entrevistas, digitalização de todos os documentos textuais, administrativos e pedagógicos, e de grande parte das fontes iconográficas reunidos em dvd e colocados à disposição dos pesquisadores em ambiente virtual; e, por fim, elaboração do inventário analítico de fontes, instrumento de classificação formal e facilitador do uso pedagógico dos arquivos João Penteado.

Em decorrência disso, em 2013, foi publicado o “Inventário de Fontes do Acervo Documental João Penteado (1912-1961)” (MORAES, 2013) que integrou um esforço coletivo e apresentou a pesquisa histórica e arquivística. Este livro testemunha a importância do movimento anarquista em São Paulo, por meio da Escola Moderna, e o percurso de pesquisa com arquivos escolares. Do ponto de vista estrutural, foram organizados fundos, classes e séries documentais a partir das tipologias presentes no arquivo. O conjunto dessa classificação resultou na elaboração de um organograma do Arquivo Institucional gerado pelas escolas em estudo. No caso do Arquivo Pessoal do anarquista João Penteado, o tratamento arquivístico realizado procurou respeitar a vida e a obra do educador. Nesse sentido, os conjuntos documentais do Arquivo Institucional e do Arquivo Pessoal, formam o Arquivo João Penteado, na estrutura interna do CME-Feusp.

No que diz respeito à sua abrangência, o Arquivo João Penteado constitui-se de séries documentais não completas, acumuladas no estabelecimento de ensino ao longo de quase cinquenta anos, entre 1912 e 1960, contendo informações relevantes sobre a vida institucional nos diferentes momentos de sua história sob a direção do referido educador anarquista: Escola Moderna nº 1 (1912-1919); Escola Nova (1920-1923); Academia de Comércio Saldanha Marinho (1924-1943); Escola Técnica de Comércio Saldanha Marinho (1944-1947); Ginásio e Escola Técnica Saldanha Marinho (1948-1960). A denominação e a cronologia das escolas, criadas pelo educador após o fechamento da Escola Moderna pelo Estado, estão relacionadas não apenas às suas atribuições pedagógicas e aos níveis e modalidades de cursos ofertados, mas também à necessidade de obedecer a denominações e regras prescritas pelas normas legais, frequentemente modificadas pelos governos estadual e federal. O arranjo documental do arquivo institucional foi dividido em cinco fundos fechados referentes a cada período da escola, conforme mencionado acima.

Este procedimento permite perceber as continuidades e descontinuidades de um projeto educacional que nasceu com a Escola Moderna e que se expressa em outras instituições escolares, organizadas após o seu desaparecimento. A presença de João Penteadado como professor e diretor das escolas ao longo de quase cinquenta anos permite acompanhar os projetos educativos das instituições e a relação estabelecida, nos diferentes momentos, com os modelos educacionais oficiais e as correntes pedagógicas predominantes nas políticas governamentais, como é o caso da chamada Escola Nova nas primeiras décadas do século XX.

As reverberações deste arquivo podem indicar as continuidades do projeto educacional libertário em sua gênese e abrangência geográfica. Tal projeto aportou no Brasil com o movimento anarquista, no final do século XIX. Entre as ações educacionais desenvolvidas pelos militantes e simpatizantes anarquistas, há a abertura de várias escolas no Estado de São Paulo, duas delas na capital, chamadas Escolas Modernas, situadas nos bairros do Belenzinho e Brás, e dirigidas, respectivamente, pelos professores e anarquistas João Penteadado e Adelino de Pinho. Para a sua abertura foi criado o Comitê Organizador da Escola Moderna de São Paulo, em 1909, encarregado de organizar a Escola Moderna nº.1 e providenciar os recursos econômicos indispensáveis a sua materialização. Em 1912, após obter autorização do diretor-geral da Instrução Pública do Estado para instalar e fazer funcionar o estabelecimento, o Comitê decidiu entregar a direção da Escola para uma pessoa identificada com as concepções libertárias e portadora das qualidades necessárias ao exercício pedagógico. A escolha recaiu sobre o professor João Penteadado, partidário da corrente kropotkiniana do anarquismo e admirador da obra de Francisco Ferrer y Guardia.

João de Camargo Penteadado nasceu em Jaú, interior do estado de São Paulo, em 4 de agosto de 1877, e faleceu, na capital, em 31 de dezembro de 1965. Documentos pessoais indicam que sua formação escolar era “primária e autodidata”. Aprovado em concurso, iniciou a carreira de professor no magistério municipal de Jaú, tendo lecionado depois em outras cidades do interior do estado. Nos anos 1900, ainda em Jaú, associou-se ao Centro Operário da cidade, tornando-se redator do jornal O Operário, “órgão das classes trabalhadoras”, fundado provavelmente em 1905. É difícil afirmar em que época exatamente João Penteadado teria entrado em contato com os escritos de Kropotkin, Elisée Reclus, Jean Grave e outros comunistas libertários, cujos livros compunham sua biblioteca. Para Romani

(2002), Penteado teria conhecido as propostas da educação libertária e a pedagogia de Ferrer em uma das conferências realizadas por Oreste Ristori em Jaú.

A experiência como educador na capital paulista advém de sua participação na gestão da Escola Moderna nº 1. Ao mesmo tempo, Penteado atuou na imprensa do movimento operário libertário. Foram localizados textos de sua autoria no jornal O Alpha, publicados na coluna intitulada “Vida Jauense”, entre 1909 e 1910. A partir desse período foram também identificados diversos textos nos jornais A Lanterna, A Terra Livre, A Vida, A Rebelião, Guerra Social, tratando, sobretudo, de educação libertária. A participação de Penteado na imprensa não se limitou à questão social; foi amplamente cultivada no âmbito de sua orientação espiritual. Penteado foi diretor e redator do jornal espírita intitulado A Nova Revelação e publicou artigos no jornal também espírita O Natalício de Jesus, ambos da década de 1910 e filiados à União Espírita do Estado de São Paulo. Não era incomum a vinculação de anarquistas a variadas tendências espiritualistas, todas marginais ao catolicismo hegemônico ou a religiões oficiais. Ser espírita naquele momento e naquele lugar constituía atitude de independência perante a adesão religiosa dominante.

Jacob Penteado, um dos únicos escritores localizados que se referiu ao destino de João Penteado após o caso do fechamento da Escola Moderna, em 1919, lembra:

Quando eclodia um movimento grevista qualquer, a primeira pessoa a ser presa era, inevitavelmente, o professor Penteado, que, na maior parte das vezes, ignorava completamente o fato. Suas ideias provem do amor que dedica à humanidade, a quem deseja ver livre e feliz, sem amos nem opressores. Espírito boníssimo, incansável trabalhador, criou esse belo monumento educacional, instalado no antigo palacete do capitalista Guedes, que mandou construí-lo sob o modelo de um que vira na Europa, numa de suas viagens ao velho continente. Da pequenina Escola Moderna, o professor Penteado passou à Academia de Comércio Saldanha Marinho, e Ginásio, na rua de mesmo nome, e daí, para o atual e magnífico prédio, já pequeno para o enorme número de alunos que o procuram.

Deixou o magistério em 1958, mas manteve residência fixa dentro da própria instituição escolar, até sua morte. Legou à posteridade uma rica documentação, procedimento comum a muitos anarquistas, como Edgar Leuenroth e Jaime Cubero, comprometidos com a preservação da memória anarquista.

Como se nota, o arquivo pessoal do educador João Penteado é fonte documental relevante para a pesquisa em história da educação e história social, por abranger campos diversos da produção intelectual desse mestre da educação libertária no Brasil. Apresenta os seguintes tipos documentais: textos (datilografados, manuscritos, impressos, encadernados); correspondência (datilografada e manuscrita); fotografias e periódicos (jornais e revistas). Os

textos foram escritos pelo educador ao longo de sua vida e veiculam suas ideias políticas, sociais e pedagógicas. Podem ser classificados, genericamente, como textos literários (líricos, narrativos, ensaísticos, fábulas, parábolas e dramas), biográficos e jornalísticos (crônicas). As versões que constituem seu arquivo pessoal são datilografadas ou manuscritas – minutas de textos destinados à publicação. A grande maioria destes textos foi publicada em jornais e sua identificação ficou comprometida, pois João Penteado guardava os artigos em forma de recortes, omitindo a identificação dos jornais. Há também exemplares das suas obras publicadas na década de 1940: *Pioneiros do Magistério Primário*, *Digressão Histórica através da Vida de Jaú* e *Esboço Histórico da Epopeia do Hidro-Avião Jaú*, *Biografia de Bento de Siqueira*. O arquivo guarda significativa reunião de correspondência com amigos e familiares (missivas e cartões-postais), que remetem à sua trajetória de vida e às possíveis ressonâncias do anarquismo no grupo social do educador. O conjunto da correspondência apresenta também ofícios remetidos e recebidos de diversas instituições.

As fotografias recuperam parte de sua trajetória pessoal e cristalizam cenas de viagens por diversas cidades do interior paulista e pelo Brasil, eventos na Associação Promotora de Instrução e Trabalho para Cegos (da qual foi diretor por cerca de vinte anos), e momentos pessoais diversos, como passeios. Há também os cartões-postais recebidos de amigos, com datas a partir de 1908. Os periódicos, a rigor, são recortes de diversos jornais paulistas, acumulados por João Penteado, ao lado de exemplares dos jornais espíritas e do jornal libertário português *Aurora*.

João Penteado esteve, ao longo de toda sua vida, claramente comprometido com a emancipação das classes trabalhadoras por meio da educação e da cultura. Vinculou-se, em consonância com o ideal anarquista, às práticas de combate e resistência concretizadas nas escolas libertárias. Essa cultura de combate também se realizava na imprensa operária, nos centros de cultura social, no teatro, na poesia e até mesmo em obras científicas, como as de Élisée Reclus e Kropotkin. Tais práticas culturais e pedagógicas marcam um raro momento em que as classes trabalhadoras moldaram uma reflexão e um conhecimento próprios, inseparáveis das formas autogestionárias de suas lutas. A fecundidade da educação ácrata se expressa privilegiadamente na intensa criação teatral e literária, na imprensa, na proliferação dos centros de cultura, vividos como modos de ser da educação, essenciais à formação dos trabalhadores e anunciadores da futura sociedade anárquica.

É fundamental considerar o quanto este arquivo escolar possibilita a apreensão de conceitos e visões transformadoras da educação, que até hoje são atuais. Ao se trabalhar com a educação anarquista e suas reverberações, surgem questões fundamentais sobre educação e infância. Um exemplo disto é a percepção de que a educação prolongava-se por toda a vida. Eram constantes as conferências e os cursos para trabalhadores, abrangendo todas as áreas da ciência e da cultura. A produção de suas próprias obras e a leitura de clássicos eram atividades interligadas, refletidas em prodigiosa atividade editorial. Inumeráveis folhetos eram publicados, e seu conteúdo abarcava desde obras clássicas do anarquismo, monografias, conferências, até folhetins e novelas. Sua tiragem até hoje nos surpreende, chegando a dez mil exemplares e a 130 edições de uma mesma obra. A Conquista do Pão, de Kropotkin, vendeu cinquenta mil exemplares a preços populares. Obras científicas eram muito lidas. Havia uma preferência pelas obras de crítica social, o que abarcava vasta gama de autores: Tolstoi, Ibsen, Octave Mirabeau, Zola, Balzac, Sue, além de Michelet, John Ruskin, Flaubert, Diderot, Rousseau, Blasco Ibañez, Heine, Victor Hugo, Tchekhov, Merimée, Nordeau, Kropotkin, Mella, entre outros. Essa peculiaridade será trazida para o Brasil e para a América Latina pelos imigrantes europeus que viveram a experiência cultural anarquista em seus países de origem. Litvak esclarece a fundamental importância das bibliotecas libertárias, formadas por militantes ou Escolas e Centros de Cultura. Entre elas, a das Escolas Modernas, a La Tramontana, El Productor, a Biblioteca de Ensenanza Popular, a Biblioteca Contemporánea, a Libros Rojos e as de certas casas editoriais, como a Sempere de Valencia, que, embora não fosse anarquista, permitia aos trabalhadores adquirir a preços baixos os clássicos greco-latinos, Shakespeare, Santo Agostinho, Strindberg, e tantos outros.

As publicações de livros e folhetos eram amplamente anunciadas na imprensa libertária, prática comum na Europa e nos demais países onde a cultura anarquista floresceu, confirmando a importância central dada pelos anarquistas à apropriação do conhecimento pelas classes trabalhadoras. Para eles a transformação social só pode ocorrer realmente pela criação de formas anti-hierárquicas e desburocratizadas de organização, no ritmo da mudança das sensibilidades, das práticas, dos ideais e não como simples troca das classes dirigentes. Proudhon, por exemplo, defendeu a politecna na educação e uma “arte-situada”, voltadas à formação moral e intelectual dos trabalhadores e à superação da divisão entre trabalho manual e intelectual. O anarco-comunismo, no qual a atuação de Kropotkin foi fundamental, conferiu às práticas culturais e pedagógicas um papel essencial. Essa tendência foi uma das principais

na configuração do movimento anarquista no Brasil. Entre as obras mais importantes produzidas pelo anarco-comunismo estão *Evolução, Revolução e Ideal Anarquista*, de Élisée Reclus e *A Ajuda Mútua*, de Kropotkin. A primeira vê uma profunda interligação entre os processos evolutivos e os revolucionários, entendidos como integrantes da vida social e cósmica, afirmando que não pode haver revolução sem evolução anterior. A expansão de tais processos exige a socialização do conhecimento. A influência do anarco-comunismo fez preponderar no movimento, cada vez mais, as atitudes persuasivas, solidárias, as práticas culturais vividas como práticas pedagógicas. Essas dimensões eram compreendidas como a antecipação da futura sociedade, garantindo a perspectiva de reconstrução da vida social mediante os princípios libertários, após a destruição do Estado e da desigualdade.

João Penteado é parte de uma literatura militante, ao lado de inúmeros outros escritores que o movimento anarquista criou. A produção literária de João Penteado pode ser compreendida como integrante de uma visão de mundo na qual a reflexão crítica, a criação cultural, a leitura e a escrita eram exercícios cotidianos de apropriação da vida, articulando a transformação do presente e a libertação social futura. Tal concepção, vale dizer, é essencialmente diferente da que regia as práticas escolares convencionais da época e de hoje, baseadas na heterogestão pedagógica, na memorização e na repetição dos autores, em detrimento da coragem criativa. Diverge também de quaisquer ditames político-partidários no que diz respeito à produção estética. Vários estudiosos da literatura anarquista no Brasil e no exterior assinalam o valor específico da obra literária para o movimento ácrata. Assim, para o escritor anarquista a obra é fruto de uma experiência coletiva, mais do que decorrência de um trabalho profissional ou de uma pura construção estética. No caso da obra de João Penteado, importa mais a decisão militante do que a forma, isto é, para os anarquistas o impulso criador vale mais do que a própria obra. Na literatura brasileira os anarquistas trouxeram os trabalhadores para o centro da cena, tirando-os das crônicas policiais, território a que eram circunscritos anteriormente.

Assim, quer do ponto de vista subjetivo, quer no âmbito das lutas coletivas, o Arquivo João Penteado concentra e amplia os conflitos e anseios presentes permanentemente no horizonte social, no qual ainda coabitam a desigualdade e a opressão.

REFERÊNCIAS

- ACCIOLY e SILVA, Doris. Anarquistas: criação cultural, invenção pedagógica. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 32, n. 114, p. 87-102, jan.-mar. 2011.
- AZEVEDO, Raquel. **A Resistência Anarquista** – Uma Questão de Identidade (1927-1937). Coleção Teses e Monografias. Vol. 3. Imprensa Oficial do Estado, SP, 2002.
- CALSAVARA, Tatiana da Silva. **A militância anarquista através das relações mantidas por João Penteadado** - estratégias de sobrevivência pós anos 20. 2012. 279f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-30072012-154255/>>. Acesso em: 30 nov. 2015.
- CARVALHO, M. M. C. A configuração da historiografia educacional brasileira. In: **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2001.
- _____. Revisitando a historiografia educacional brasileira. In: MENEZES, M. C. (Org.). **Educação, memória, história: possibilidades, leituras**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.
- CARVALHO, M. M. C.; NUNES, C. **Historiografia da educação e fontes**. Cadernos da Anped. Rio de Janeiro, n. 5, 1993.
- FERRER Y GUARDIA, F. **La escuela moderna**. Madrid: Zero, 1978.
- FORTUNATO, Marinice da Silva. **Uma experiência educacional de auto-gestão: A Escola Moderna nº 1 na sua Gênese**. 1992. Dissertação de Mestrado. São Paulo, PUC.
- LEUENROTH, E. **Anarquismo: roteiro da libertação social / Antologia de doutrina crítica, história, informações**. Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1963.
- LITVAK, L. **Musa libertaria: arte, literatura y vida cultural del anarquismo español**. Madrid: Fundación Anselmo Lorenzo, 2001.
- MORAES, Carmen Sylvia Vidigal (Org.). **Educação Libertária no Brasil** – Acervo João Penteadado: Inventário de Fontes. São Paulo. FAPE/UNIFESP: EDUSP, 2013.
- MORAES, Carmen Sylvia Vidigal; RIGH, Daniel; Santos, Luciana; CALSAVARA, Tatiana. Inventário de fontes das escolas dirigidas pelo educador anarquista João Penteadado (1912-1961): dimensão pedagógica e contribuição para a história da relação trabalho e educação no Brasil. **Rev. bras. hist. educ.**, Campinas-SP, v. 11, n. 1 (25), p. 117-142, jan./abr. 2011.
- RODRIGUES, E. **O anarquismo na escola, no teatro e na poesia**. Rio de Janeiro: Archiamé, 1992.
- TRAGTENBERG, M. **Planificação desafio do século XX**. São Paulo: Senzala, 1967.

ROMANI, Carlos. **Oreste Ristori** – Uma Aventura Anarquista. Annablume, 2002.

SAMIS, Alexandre. **Clevelândia anarquismo, sindicalismo e repressão política no Brasil**. Ed. Imaginário. Achiame, SP, 2002.

SANTOS, Luciana Eliza dos. **A educação libertária e o extraordinário: traços de uma pedagogia (r)evolucionária**. 2014. 219f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-18122014-095202/>>. Acesso em: 30 nov. 2015.